

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA
CAMPUS DOIS VIZINHOS**

JANAÍNE DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DOS
TRABALHADORES RURAIS NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO E
DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO DAS SEMENTES CRIOULAS:
A CONTRIBUIÇÃO DA ASSESOAR**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II.

**Dois Vizinhos – PR
2018**

JANAÍNE DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DOS
TRABALHADORES RURAIS NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO E
DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO DAS SEMENTES CRIOULAS:
A CONTRIBUIÇÃO DA ASSESOAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentação à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Dois Vizinhos, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo – Habilitação em Ciências da Natureza e Matemática.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Zinara Marcet de Andrade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o maior e melhor mestre que alguém poderia ter, e a Nossa Senhora Aparecida, por permitirem que tudo isso acontecesse, não somente em minha caminhada universitária, mas por todos os dias estarem comigo derramando incontáveis bênçãos.

A minha orientadora, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A meu pai, minha mãe e meus irmãos que sempre me apoiaram durante toda esta caminhada acadêmica.

Agradeço também aos meus amigos que incontáveis vezes me animaram nos momentos de dificuldades, em especial ao José Marcos que ao longo dessa caminhada mostrou o verdadeiro significado de uma amizade.

A ASSESOAR pela disponibilização das informações e materiais.

Ao senhor Isac Miola, Guardiã de sementes, por ser um exemplo de resistência e luta em favor de um mundo melhor.

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram com este trabalho.

O meu muito obrigado!

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar.

Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

(Madre Teresa de Calcuta)

RESUMO

SILVA, Janaíne. A importância das Entidades de Representação dos Trabalhadores Rurais no Processo de Preservação e Divulgação do Conhecimento das Sementes Crioulas: a contribuição da ASSESOAR. 2018. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação do Campo). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dois Vizinhos, 2018.

A grande evolução da agricultura moderna e sua preocupação em produzir em grande escala e a qualquer custo, é amplamente disseminada pela ideologia capitalista e traz consigo várias consequências negativas. Dentre essas, podemos destacar a monocultura intensiva, o uso abusivo de agrotóxicos e as modificações genéticas de plantas, pois são alguns dos muitos problemas que prejudicam a preservação da biodiversidade de espécies de plantas e de animais. Contrapondo-se a essa forma capitalista de produção, os agricultores familiares e suas entidades representativas desenvolvem um trabalho responsável pela manutenção de um legado relevante para a humanidade, por meio da conservação, preservação e socialização de sementes crioulas. Contudo, essa preservação das sementes crioulas é um grande desafio que requer esforço, dedicação dos guardiões de sementes e o apoio de entidades sociais representativas como a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural- ASSESOAR. Nesta perspectiva, para que seja possível compreender os motivos pelos quais a atividade de preservação de sementes crioulas não interessa às empresas capitalistas, o trabalho apresenta um resgate histórico sobre a criação e a importância das entidades em defesa dos interesses dos trabalhadores e do trabalho da ASSESOAR. Logo, o objetivo de nosso trabalho é demonstrar a relevância do trabalho da ASSESOAR no desenvolvimento e divulgação do trabalho do guardião de sementes do município de Dois Vizinhos, bem como a importância dessa entidade de representação dos pequenos agricultores para a preservação e resgate de espécies e variedades agrícolas que vêm sendo extintas ou substituídas com o processo de introdução de materiais genéticos melhorados. Esperamos que este trabalho, ao destacar a importância da propagação de sementes crioulas pela ASSESOAR, contribua tanto com o reconhecimento das entidades de classe dos trabalhadores, como com a possibilidade de construir novos conhecimentos científicos a partir da preservação e estudos desses grãos essenciais para a agricultura.

Palavras-Chave: Entidades de Representação Social; ASSESOAR; Guardião de Sementes;

ABSTRACT

SILVA, Janaíne. The Importance of Representation Organizations of Rural Workers in the Process of Preservation and Disclosure of Knowledge of Criollo Seeds: ASSESOAR's contribution. 2018. 43 f. Course Completion Work (Graduation in Field Education). Federal Technological University of Paraná. Two Neighbors, 2018

The great evolution of modern agriculture and its concern to produce on a large scale and at any cost is widely disseminated by the capitalist ideology and carries with it several negative consequences. Among these, we can highlight intensive monoculture, abusive use of pesticides and genetic modifications of plants are some of the many problems that hinder the preservation of biodiversity of plant and animal species. In contrast to this capitalist form of production, family farmers and their representative entities develop a work that is responsible for maintaining a legacy relevant to humanity through the conservation, preservation and socialization of Creole seeds. However, this preservation of the creole seeds is a great challenge that requires effort, dedication of the seed guardians and the support of representative social entities such as the Association of Studies, Guidance and Rural Assistance - ASSESOAR. In this perspective, in order to understand the reasons why the activity of preservation of creole seeds does not interest the capitalist companies, the work presents a historical rescue on the creation and importance of the organizations in defense of the interests of workers and the work of ASSESOAR . Therefore, the objective of our work is to demonstrate the relevance of the work of ASSESOAR in the development and dissemination of the work of the seed guardian of the municipality of Dois Vizinhos, as well as the importance of this representation entity of small farmers for the preservation and rescue of species and agricultural varieties that are being extinguished or replaced with the process of introduction of improved genetic materials. We hope that this work, by highlighting the importance of the propagation of Creole seeds by ASSESOAR, contributes both to the recognition of the workers' class entities and to the possibility of building new scientific knowledge through the preservation and studies of these essential grains for agriculture .

Keywords: Social Representation Entities; ASSESSING; Seed Guardian;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	10
1. AS ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DOS TRABALHADORES: SINDICATOS E ASSOCIAÇÕES EM DEFESA DA CLASSE	10
1.1. O surgimento das entidades de representação dos trabalhadores	11
CAPÍTULO 2	18
2. A ASSESOAR: SURGIMENTO E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS PEQUENOS PRODUTORES.....	18
2.2. As Principais atividades formativas desenvolvidas pela ASSESOAR.....	21
2.3. O trabalho da ASSESOAR para a preservação das sementes crioulas: uma contribuição para a melhoria das condições de vida da humanidade	24
CAPÍTULO 3	30
3. O TRABALHO DO GUARDIÃO DE SEMENTES	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, o homem recorre à natureza para a sua sobrevivência. No início, apenas o fazia por meio da caça, da pesca e da coleta de frutos. Porém, milênios mais tarde, compreendeu que poderia transformar a natureza para sua sobrevivência, para além dos benefícios que a natureza lhe oferecia espontaneamente (OLIVEIRA, 1989).

A compreensão da possibilidade de intervenção na natureza, para melhores e mais fáceis condições de vida, foram cada vez mais almeçadas. Ao se instalarem em um único lugar por um período maior, a procura por alimento, perceberam que poderiam criar animais e cultivar algumas espécies de alimentos, fato que marcou o surgimento do que viria a ser a agricultura (CORDEIRO, 2003).

A partir desse momento, o homem passou a explorar cada vez mais os benefícios que a natureza tem a oferecer. Aprimorando suas técnicas de produção e buscando cada vez mais a acumulação de capital e a exploração para obter o lucro desejado, o homem deixou de lado a primitiva forma de sobreviver e de cuidar da natureza e passou a avançar sobre a mesma deixando marcas profundas de destruição, contaminação e degradação ambiental, que infelizmente são muito comuns nos dias atuais.

Um exemplo disso, num passado não muito distante, é enfatizado por Saravalle (2010), quando afirmam que a partir da materialização do desenvolvimento capitalista na agricultura nos anos de 1970, através da Revolução Verde, tratou-se da utilização de insumos químicos e sementes modificadas geneticamente, produzidas e comercializadas por indústrias, com o principal objetivo de dar fim à fome no mundo. Entretanto, entre as várias consequências da aplicação desse modelo na agricultura estão a redução da autonomia alimentar e cultural dos camponeses, a perda da biodiversidade do solo e da Agrobiodiversidade (SARAVALLE, 2010).

Além dessa forma de exploração, e com o objetivo de gerar o lucro desejado, foi preciso explorar também o próprio semelhante. Forçados a trabalhar diversas horas por dia em troca de míseros salários, centenas de milhares de trabalhadores são oprimidos todos os dias para conseguir sobreviver nessa sociedade capitalista.

Em contrapartida, a toda essa forma de organização opressora, foram criadas entidades de representação social que desenvolvem trabalhos de formação e que organizam a luta em prol dos direitos dos trabalhadores. Através dessas entidades, muitas conquistas foram alcançadas e muitas outras são almeçadas. Um exemplo disso são as entidades formadas por

trabalhadores em prol de seus interesses imediatos e básicos, como os sindicatos e associações, sem os quais, certamente, as dificuldades e a exploração seriam muito maiores e mais intensas.

Assim sendo, este trabalho de conclusão de curso, ao tratar da importância que as entidades de representação social desenvolvem, tem como finalidade destacar a contribuição decisiva da Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural - ASSESOAR, no processo de preservação e divulgação do conhecimento das sementes crioulas realizada por um guardião de sementes do município de Dois Vizinhos.

A escolha pelo tema se deu em razão da vivência da autora deste trabalho de conclusão de curso junto aos movimentos sociais e entidades de representação social os quais, por sua vez, apoiam, defendem e divulgam a preservação de sementes sem modificações genéticas, chamadas popularmente por sementes crioulas. Além disso, o curso de Licenciatura em Educação do Campo proporcionou, através de vários eventos, o conhecimento sobre a preservação de aspectos da agricultura que se encontra ameaçada em decorrência da forma como o capitalismo produz a maior parte da alimentação consumida pela humanidade.

Por tais motivos, e, principalmente, por saber que no município de Dois Vizinhos há um guardião de sementes crioulas, cujo trabalho é viabilizado pela ASSESOAR, optou-se por pesquisar de forma acadêmica tal atividade, para que a mesma possa ficar formalmente registrada na história do município.

Além das questões acima relatadas, como o curso de LEDOC segue, como concepção filosófica o materialismo histórico dialético, para o qual, todo o conhecimento humano acumulado é fruto do trabalho, acreditamos que pesquisar e sistematizar esta experiência, do guardião de sementes, possa contribuir para estudos futuros que busquem avançar nos conhecimentos sobre a agricultura e tenhamos uma produção de alimentos cada vez mais salutar.

Nessa perspectiva, o presente trabalho seguiu os seguintes passos: i) busca de livros, artigos de periódicos, dissertações, teses, dentre outras matérias que pudessem contribuir para a devida fundamentação teórica do tema; ii) sistematização das informações obtidas durante uma atividade de formação ofertada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dois Vizinhos, no segundo semestre de 2017, na qual o guardião de sementes relatou sobre o processo de coleta e guarda das sementes, motivo pelo qual não houve a necessidade de realizar uma entrevista com o senhor Isac, guardião de sementes.

Desta forma, o presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro aborda

sobre "As entidades de representação dos trabalhadores: sindicatos e associações em defesa da classe", a partir de um resgate histórico, a fim de evidenciar que tais entidades são construções sociais que surgiram em decorrência de necessidades concretas de luta dos trabalhadores. O segundo capítulo disserta sobre a ASSESSOAR, uma vez que é esta a entidade que colabora para que o guardião de sementes de Dois Vizinhos consiga socializar sua atividade num cenário devastado pela produção monocultora e, conseqüentemente, destruidora da biodiversidade propagada pelo capitalismo. O terceiro capítulo apresenta o trabalho de indiscutível relevância, realizado pelo senhor Isac Miola, o guardião de sementes crioulas de Dois Vizinhos.

Para finalizar, desejamos afirmar que este trabalho de conclusão de curso ao demonstrar a importância das coletas e guarda das sementes crioulas, enquanto abordagem acadêmica, não pretende negar o atual estágio de conhecimento científico sobre a produção de alimentos e nem a necessidade de produzir alimentos em grandes escalas. Contudo, pretende-se registrar que os guardiões de sementes podem trazer grandes contribuições para o aprofundamento de pesquisas científicas sobre a produção agrícola de forma mais salutar para a existência dos seres vivos e do planeta, motivo pelo qual evidenciamos os movimentos de representação social nesse processo já que para o agronegócio só importa a valorização constante de seu capital.

CAPÍTULO 1

1. AS ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DOS TRABALHADORES: SINDICATOS E ASSOCIAÇÕES EM DEFESA DA CLASSE

Para melhor compreendermos a importância das entidades de representação da classe trabalhadora, a primeira questão é entender esta como um coletivo de indivíduos que, para sobreviver, conta apenas com sua capacidade de trabalho, independentemente do ramo de produção para o qual está apto e da sua localidade habitacional, ou seja, quer resida em área urbana ou rural.

A classe trabalhadora, apesar do discurso hegemônico vigente de igualdade de oportunidades, como já afirmado anteriormente, possui como única fonte de recursos, para garantir a sua existência e de sua prole, a venda de sua força de trabalho. Em troca dessa venda, recebe um salário que deveria garantir a aquisição de todos os elementos necessários, desde os mais básicos - alimentação, moradia - aos mais sofisticados - cultura. À primeira vista, este acontecimento parece ser um fenômeno simples e natural, formado pela possibilidade de uma pessoa, que detém os meios necessários para a produção de bens e serviços, contratar outras pessoas e pagá-las pelos serviços prestados.

Todavia, quando buscamos melhor compreender essa situação imposta à classe trabalhadora para sua sobrevivência, é possível perceber que essa prática não é espontânea, mas decorrente das relações sociais de produção, ou seja, uma construção determinada pela posição em que cada indivíduo ocupa na produção de mercadorias de uma sociedade (GUARESCHI, 1995, p.52). Essa posição ocupada pelos indivíduos na sociedade implica em sérias e negativas consequências para a maior parcela dos que vivem do trabalho, seja ele no meio urbano ou no meio rural.

Entretanto, somente após muitos séculos, os trabalhadores perceberam as reais circunstâncias a que estavam submetidos, organizando-se para criarem entidades de representação dos seus interesses, para que unidos pudessem vender sua força de trabalho em condições mais justas e dignas e, até mesmo, realizar estudos e debates sobre a necessidade de outra forma de organização social que não privilegiasse uma minoria à custa de uma maioria.

As experiências adquiridas com as lutas possibilitaram, além de algumas melhorias salariais e das condições de trabalho, levaram os trabalhadores a perceber em muitas outras demandas. Desta percepção, surgiram várias outras entidades que auxiliam os trabalhadores, a

exemplo de diagnósticos socioeconômicos para melhor conhecer a realidade objetiva em que estão inseridos para, desta forma, melhor enfrentá-la e transformá-la.

No que diz respeito aos trabalhadores rurais, as condições de existência os levaram a uma organização tardia, se comparada com os urbanos. Todavia, na atualidade, além dos seus sindicatos, existem entidades que contribuem com seus interesses, tais como a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras familiares – CONTAG e a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR, sendo que esta última, dentre suas muitas atividades, além de estudos e formação político sindical dos trabalhadores rurais, organiza a Festa das Sementes na região sudoeste do Paraná.

Todavia, para que melhor se compreenda a necessidade das entidades de representação da classe trabalhadora, julgamos que seja de grande relevância apresentar um breve resgate do surgimento destas organizações para, posteriormente, abordarmos sobre o objeto em análise: a contribuição de uma das entidades de representação dos trabalhadores junto à atividade do guardião de sementes do município de Dois Vizinhos, região do sudoeste do Paraná.

1.1. O surgimento das entidades de representação dos trabalhadores

Conforme mencionado anteriormente, foram muitos séculos de repressão e dominação para que os indivíduos, que necessitam trabalhar em troca de sua subsistência, compreendessem sua posição no sistema de produção, ou seja, como seres submetidos a uma relação de exploração, mera força de trabalho. Essa situação de dominação e opressão teve início com a propriedade privada dos meios de produção, colocando fim à organização social conhecida por Comunismo Primitivo, na qual todos os indivíduos eram iguais em direitos e obrigações (ARANHA, 1989, p.20)

Sob a propriedade privada dos meios de produção, a terra, mãe natureza, que provia a todos sem distinção, deixou de ser de uso e benefício comum. Sob tal perspectiva, aqueles que possuíam os meios de produção, inclusive a terra, tinham as condições e as posses para obrigar outros a trabalharem para que os proprietários aumentassem suas riquezas. Neste percurso da humanidade, com indivíduos divididos em dois grandes grupos de proprietários e não-proprietários, que persiste até hoje com a organização social denominada de capitalista, tivemos anteriormente duas outras formas de sociedade, o escravismo e o feudalismo que, em

decorrência das próprias agudização das contradições, extinguiram-se¹. (ANDERY *et al*, 1988)

A atual forma de organização social, a capitalista, é considerada a mais complexa e mais avançada do processo de civilização, mas, contudo, ainda é constituída por duas classes, ou seja, a dos proprietários e dos não-proprietários dos meios de produção². (ANDERY *et al*, 1988)

Nesse percurso de desenvolvimento da humanidade, dividida nessas duas classes, muitas revoltas existiram, pois os não-proprietários nem sempre aceitaram a dominação e a opressão a que estavam submetidos. As experiências, obtidas com os movimentos contra a exploração da força de trabalho, fizeram com que a classe trabalhadora pensasse em estratégias para amenizar as condições, muitas vezes, miseráveis de sua existência.

Desta forma, criaram mecanismos que lhes permitissem algum tipo de organização em prol de seus interesses a fim de alcançar uma vida mais digna e salutar. Surgiram, então, as entidades de luta, mais conhecidas como sindicatos de trabalhadores, formados de acordo com cada ramo produtivo. (FARIA, MARQUES, BERUTI, 1989)

Começa, então, a história da existência dos sindicatos, enquanto instituições de organização e embates dos trabalhadores, na Europa, quando a Revolução Industrial mudou por completo o cenário da produção. As mercadorias que antes eram produzidas pelos chamados artesões em suas oficinas com suas próprias ferramentas, não foram suficientes para suprir as demandas. A partir do século VXIII, a produção se expande, as oficinas de trabalhos ficam maiores e passaram a ser coordenadas por um único dono: o patrão, dono dos meios de produção. (FARIA, MARQUES, BERUTI, 1989)

Desta forma, em meio aos grandes proprietários das ferramentas e matérias primas, cada vez mais, os trabalhadores artesão, donos de suas pequenas oficinas, perdem a propriedade de seus instrumentos de trabalho de produção e se veem obrigados a vender suas forças de trabalho em troca de um salário:

¹ No decorrer do processo de civilização, a humanidade teve diferentes formas de organização social até chegarmos a forma vigente, a sociedade capitalista. A primeira, chamada de Comunismo Primitivo, caracteriza-se pela inexistência de propriedade privada. A segunda é conhecida por Escravidão, durante a Antiguidade Clássica, com propriedade privada dos meios de produção, no qual a principal força produtiva era o escravo, um ser humano cuja via pertencia completamente a outro. A terceira foi o Feudalismo, cuja principal característica era a divisão social em feudos autossuficientes, com economia voltada para a subsistência. (ANDERY *et al*, 1988, p.160)

² Essas duas classes se estratificam, isto é, se subdividem em vários outros segmentos, o que dificulta em muito sua percepção.

Em todos os países de velha industrialização, os grupos de trabalhadores que primeiro se organizaram profissionalmente foram aqueles em que os componentes artesanais do trabalho se mantiveram no capitalismo industrial. As primeiras associações operárias foram formadas por ex-artesãos, isto é, por trabalhadores profissionalmente qualificados (marceneiros, pedreiros, pintores, etc.). Não se tratava mais de trabalhadores independentes mas de assalariados submetidos à disciplina das oficinas e à lei do proprietário (RODRIGUES, 2009, p. 08).

Logo em seguida surgiram as primeiras fábricas, repletas de máquinas que agilizavam a produção de grandes quantidades de mercadorias em menos tempo. As jornadas diárias dos trabalhadores eram de 14 a 16 horas por dia sem nenhuma distinção entre homens, mulheres e crianças. Nessa época máquinas, ferramentas e seres humanos transformavam-se em propriedade dos patrões.

Em meio a tanta exploração, os trabalhadores se revoltavam e tentavam reivindicar melhorias nas condições de serviço:

Não faltaram razões ao nascente proletariado para revoltar-se contra a sociedade capitalista que impunha longas jornadas de trabalho (em alguns casos até 18 horas por dia), uma brutal exploração do trabalho feminino e infantil, condições insalubres nas novas fábricas (FARIA, MARQUES, BERUTI, 1989, p.23)

Motins e “quebra-quebra” foram as primeiras expressões de revolta desses trabalhadores que viam as máquinas como sendo responsáveis pela sua desgraça. Esse momento da história é conhecido como movimento ludita³, na Inglaterra, sendo alguns operários punidos com morte pela destruição das máquinas nas fábricas (FARIA, MARQUES, BERUTI, 1989).

Aos poucos os trabalhadores perceberam que não eram as máquinas em si, mas a forma de utilização destas pelos patrões, bem como a impossibilidade de continuar a quebrar as máquinas sob pena de morte, para que as primeiras formas de organizações coletivas contra a exploração surgissem. Os trabalhadores haviam entendido que quanto mais eles trabalhavam, mais os patrões enriqueciam. O povo, indignado com suas condições miseráveis de trabalho, se deu conta que enquanto os operários continuavam na mesma situação precária ou cada vez pior, os proprietários aumentavam suas riquezas à custa de sua vida de sofrimento e privações:

³ O termo ludita tem origem no nome de um artesão, Ned Ludd, que não se conformava com a produção industrial. (FARIA, MARQUES, BERUTI, 1989, p.26).

É dessa luta cotidiana, inerente ao capitalismo, que surgem as primeiras formas de organização dos trabalhadores. Elas nascem como resultado do esforço espontâneo dos operários para impedir ou atenuar a exploração. Não aparecem por inspiração de “subversivos”, como a burguesia propaga, mas sim por uma necessidade natural dos que vivem de salário. Para elevar os seus lucros, o capitalista necessita extrair o máximo de mais-valia, que é o trabalho excedente não repassado ao operário na forma de salário (BORGES,2007, p. 08).

Assim, “nasceram” os primeiros sindicatos de trabalhadores, um resultado da luta da classe trabalhadora, tendo como primeira reivindicação a diminuição da jornada diária de trabalho e melhoria de salário:

Nessa primeira fase de existência, o sindicalismo vai demonstrar que é um instrumento indispensável para os assalariados. Com a expansão do capitalismo, que se torna o sistema predominante a partir do século passado, os sindicatos vão se espalhar pelo mundo. Deixam de ser um fenômeno na Inglaterra. Num processo dialético, em que o capital impera, suas contradições aparecem, as lutas operárias têm início e, conseqüentemente, surgem os sindicatos. Todos os avanços sociais, mesmo que pequenos ou parciais, serão fruto dessa luta e da formação dos sindicatos. Nada será dado de mão-beijada pelo capital; nada cairá do céu. Cada nova reivindicação apresentada pelos trabalhadores representa, num primeiro momento, a redução da taxa de mais-valia do patrão. Por isso, depende de luta, de pressão organizada. A história da legislação trabalhista no mundo será a história da luta de classes, em que os sindicatos jogarão um importante papel (BORGES, 2007, p. 13).

Os sindicatos são coletivos organizados de acordo com a categoria de trabalhadores, isto é, conforme o ramo de atividade profissional desenvolvida por um segmento de profissionais. Desta forma, temos vários sindicatos, como o sindicato dos professores, o sindicato dos metalúrgicos, o sindicato dos médicos, sindicato dos trabalhadores rurais e milhares de outros⁴.

Os sindicatos são entidades sem fins lucrativos, apesar de receberem mensalidades dos seus associados, administradas pelos próprios trabalhadores, geralmente eleitos entre seus pares, para representar a categoria junto aos patrões nas negociações salariais, buscar melhorias das condições de trabalho, intervir em questões legais, fazer denúncias trabalhistas e outras situações em que demandem atitudes frente a problemas laborais. Além disso, organizam eventos de diversas ordens e até mesmo programas de qualificação profissional.

⁴“Existem dois tipos de organização sindical – as entidades de base, ou seja, os sindicatos, e as entidades sindicais gerais/federações, Confederações e só recentemente as Centrais Sindicais foram admitidas como parte da organização sindical em nosso país. No sindicato o associado é trabalhador e trabalhadora. Nas entidades gerais os associados são as organizações sindicais que se organizam em uma Federação, Confederação, dentro de uma estrutura vertical. Já nas centrais sindicais há uma vinculação horizontal dos Sindicatos filiados. Todo tipo de vínculo é livre, de acordo com a Constituição federal de 1988.”
<https://sindicatosociologosce.wordpress.com/qual-o-papel-de-um-sindicato/>

No Brasil, a história dos Sindicatos dos trabalhadores não difere da Europa, mas inicia bem mais tarde, no final do século XIX, sendo a greve dos tipógrafos, em 1858, a primeira manifestação coletiva contra as injustiças patronais e por melhores salários.

Todavia, três décadas mais tarde, de acordo com Vainer (2000), a situação se tornou mais propícia à formação de uma classe trabalhadora no Brasil, pois a libertação dos escravos obrigou os proprietários dos meios de produção, na ocasião predominantemente constituída de fazendeiros, a substituir o trabalho escravo por imigrantes assalariados. Estes, por sua vez, deixavam a terra natal, para vir ao Brasil, iludidos com o fato de existir uma terra próspera com abundância de terras. Porém, ao chegar, restava-lhes, na maioria das vezes, apenas empregarem-se nas fazendas, tornando-se assalariados. Todavia, o faziam com alguma experiência europeia de lutas contra a exploração dos patrões.

Além do trabalho assalariado nas fazendas, de acordo com Antunes (1986), já existiam algumas atividades industriais no país, o que formou núcleos operários em São Paulo e no Rio de Janeiro, cidades nas quais se travaram os primeiros embates entre patrões e trabalhadores. Uma das primeiras estratégias de lutas foi a criação da Sociedade de Socorro e Auxílio Mútuo com o objetivo de auxiliar os trabalhadores em momentos de dificuldades financeiras ou durante as greves. Mais tarde, de acordo com Antunes (1986, p.17), foram criadas as Uniões Operárias, similar às *Trade Unions*, inglesas em prol de benefícios e melhores salários.

Com relação aos trabalhadores rurais, a organização em sindicatos aconteceu mais tarde. De acordo com a matéria "O sindicalismo rural no Brasil", da ENFOC, existem registros de que em 1903 houve as primeiras tentativas de organização sindical do trabalhador rural, mas que "[...] por meio do Decreto 979, as intenções já apontavam para o cerceamento da liberdade de organização dos trabalhadores rurais principalmente os colonos do café, que iniciavam movimentos de resistência e contestatórios às condições de trabalho vigentes" (THOMAZ JR, 1998).

Neste percurso de organização sindical dos trabalhadores rurais, ao final dos anos 1940, surgiram as primeiras organizações desta categoria de trabalhadores, amparados na "possibilidade de organização em quatro categorias distintas: trabalhadores na lavoura, trabalhadores na pecuária e similar, trabalhadores na produção extrativa e produtores autônomos" (MEDEIROS, 1990).

Nesse processo de lutas dos trabalhadores rurais, grande foi o apoio e a participação das Ligas Camponesas, criadas em 1945, um movimento de lutas por terras, contestação em relação aos latifúndios e seus mecanismos de dominação e opressão. Contudo, por estarem

diretamente articuladas ao Partido Comunista do Brasil - PCB, em 1947, o governo Eurico Gaspar Dutra declarou este partido ilegal e, conseqüentemente, interrompeu a atuação das Ligas Camponesas. Porém, essas ressurgiram alguns anos mais tarde, com o agravamento das crises sociais (THOMAZ JR, 1998).

Em 1954, com o apoio das Ligas Camponesas, foi criada a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil – ULTAB, fundada em São Paulo. (FGV, CPDOC). Da ULTAB surgiu a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - CONTAG.

Assim, ao longo do percurso da sociedade brasileira, as entidades de representação sindical, quer na cidade quer no campo, cresceram e tiveram momentos em que foram favorecidas pela própria organização das lutas dos trabalhadores. Por outro lado, em outras situações passaram por grandes dificuldades, inclusive para manter as suas existências, como após o golpe militar de 1964.

Contudo, cientes dos desafios cada vez maiores a enfrentar, decorrentes das contradições do capitalismo e de suas crises cíclicas, diversas formas de associações foram criadas pelos trabalhadores. Logo, existem dois tipos de entidades de representação social dos trabalhadores que lhes prestam serviços relevantes: os sindicatos e as associações. Cabe destacar que ambos são formados por pessoas que se unem em prol de objetivos comuns.

Para melhor compreender o papel das associações, apoiamo-nos em Luchmann (2014), ao destacar três conjuntos de contribuições sobre o papel e os impactos das associações na sociedade:

[...] no desenvolvimento individual, contribuindo para a formação, o aumento e o suporte na formação de cidadãos mais democráticos, especialmente em sua capacidade de produzir julgamentos autônomos; na formação da opinião pública construindo, ampliando e problematizando as opiniões e políticas; **no fortalecimento das instituições de representação**, além da criação de canais institucionais que produzam, via participação dos cidadãos, decisões políticas legítimas. Por meio da representação política, da pressão, da resistência, da participação ou da cooperação, o fato é que, diante dessa paisagem complexa e plural que conforma as sociedades contemporâneas, a democracia se fortalece quando contemplada por um quadro rico e plural de práticas e dinâmicas associativas atuando em diversas tarefas, cooperativas e/ou conflituosas, que ampliam e diversificam as demandas e as respostas democráticas para as diferenciadas necessidades e conflitos políticos e sociais (LUCHMANN, p.160, 2014).

Assim sendo, o trabalho desenvolvido por essas associações, pode contribuir nos aspectos culturais, políticos e sociais de um determinado coletivo de indivíduos que possuem características e buscam um mesmo resultado ou algo muito semelhante.

Portanto, essas associações, de um modo geral, são iniciativas formais ou informais que reúnem pessoas físicas ou jurídicas que visam superar as dificuldades e gerar benefícios aos seus associados (SEBRAE, 2009).

As associações assumem os princípios de uma doutrina que se chama associativismo e que expressa a crença de que juntos pode-se **encontrar soluções melhores para os conflitos que a vida em sociedade apresenta**. Esses princípios são reconhecidos no mundo todo e embasam as várias formas que as associações podem assumir: OSCIP, cooperativas, sindicatos, fundações, organizações sociais, clubes. O que irá diferenciar a forma jurídica de cada tipo de associação são basicamente os objetivos que se pretende alcançar (SEBRAE, 2009, p.08).

E foi com essa finalidade, de conseguir melhoras para os trabalhadores e trabalhadoras rurais, que surgiu a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR. Dentre suas inúmeras atividades de grande relevância social, como já mencionado anteriormente, está o apoio ao trabalho do guardião de sementes do município de Dois Vizinhos, no sudoeste do Paraná.

Desta forma, por acreditamos que seja de grande valia a atividade da ASSESOAR de apoio e socialização do trabalho de um guardião de sementes, que materializa a resistência às grandes multinacionais de sementes da atualidade, o próximo capítulo apresenta o surgimento e algumas das atividades principais da ASSESOAR para, posteriormente, abordarmos sobre o seu trabalho de apoio ao guardião de sementes.

CAPÍTULO 2

2. A ASSESOAR: SURGIMENTO E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS PEQUENOS PRODUTORES

Mais uma vez, para que possamos conhecer um pouco mais e melhor sobre a criação e a importância da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR, faz-se condição fundamental voltarmos um pouco mais na história e compreendermos a situação em que se encontrava o país naquela época.

Em 1957, a região sudoeste do Paraná vivia o clima da Revolta dos Posseiros, que abalou toda a estrutura fundiária da região. Os agricultores expulsos de suas propriedades pelas companhias de terras, sobre violentos ataques e práticas de grilagens, se organizam e enfrentam tais companhias a fim de defender e reivindicar seus direitos de propriedade da terra. Depois de muita luta, e de muito sangue derramado, os posseiros saíram vitoriosos, pois conseguiram expulsar da região a Companhia Clevelândia Industrial e Territorial Ltda, a Companhia Comercial Agrícola e a Companhia Apucarana. Exigiram do governo, então, os documentos legais das terras.

Em 1961, quando João Goulart assume o poder da presidência do Brasil, após a renúncia de Jânio Quadros, logo o seu governo coloca em prática as reformas estruturais que visavam o desenvolvimento do país. Dentre essas propostas, a que mais se destacava era a reforma agrária que visava à distribuição de terra de forma mais igualitária entre trabalhadores rurais. Dessa forma, o cenário que compunha essa época era de diversas lutas camponesas e operárias que reivindicavam direitos trabalhistas e reforma agrária, além de operários sindicalizados que lutavam pela melhoria em seus salários organizando diversas greves. (ABREU, p.17 e 18, 2011).

No ano seguinte, 1962, já no governo de João Goulart, foi criado um órgão governamental conhecido como GETSOP - Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná, que deu aos posseiros a titulação da terra que os tornava proprietários legais da mesma.

Todas essas mobilizações preocupavam cada vez mais a classe dominante que considerava tais Reformas de Base como uma ameaça comunista:

O presidente João Goulart (PTB) desenvolvia um governo voltado para a promoção da justiça social e da soberania nacional. Sua política de valorização dos direitos

trabalhistas, de defesa das reformas de base — agrária, tributária, urbana, educacional e eleitoral — e de independência nas relações exteriores, juntamente com a tentativa de limitar a remessa dos lucros do capital estrangeiro para fora do país, desagradou aos interesses da burguesia brasileira associada ao capital imperialista. (LARA E SILVA, p.277, 2015).

Por tais motivos, a classe dominante iniciou um movimento, juntamente com os militares, a fim de frear o governo e propor outros projetos.

No dia 1 de abril de 1964, o presidente João Goulart foi deposto e instaurado o Regime Militar no Brasil com a justificativa de que seria o fim da corrupção e do comunismo no país. Após o golpe, o Brasil iniciou uma longa ditadura que perdurou até 1985. Lideranças políticas e sindicais foram presas, parlamentares cassados, militantes políticos exilados (ARAÚJO *et al*, 2013).

Foi em meio a esse contexto que a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural - ASSESOAR foi criada. Essa associação é uma organização de agricultores, fundada ainda em 1966, com apoio de Padres Belgas, além de profissionais liberais de Francisco Beltrão ligados à Juventude Católica.

Nessa época, ocorriam disputas no interior da própria Igreja Católica, mesmo tendo apoiado o golpe em 64, a instituição religiosa sofria fortes impactos do regime instaurado. Com o fortalecimento da burguesia, a igreja católica foi perdendo sua força nas decisões políticas e na economia do país. Tal fato gerou uma situação de menos prestígio da mesma na esfera social, que se viu obrigada a se organizar de maneira para contra atacar esse sistema opressor. Logo,

A Igreja Católica teve uma posição fundamental nas denúncias de desrespeitos aos Direitos Humanos durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Mas essa posição não foi tomada desde o início. Ela foi sendo construída ao longo do regime político vigente daquela época. A Igreja só se colocou na oposição ao regime, que ela mesma ajudou a tomar o poder em 1964, à medida que militantes católicos e até autoridades eclesiais passaram a ser perseguidos pelos militares (SILVA, 2016, p. 6).

Como a ASSESOAR foi fundada tendo como pilar a igreja, seus primeiros trabalhos eram baseados nas atividades que esta instituição religiosa estava desenvolvendo na época em toda a região. Dessa forma, segundo o material consultado, em sua primeira década de existência, sua atuação era focada em três áreas: 1) Educação e Formação profissional; 2) Orientação quanto à forma de resolverem os problemas que, individualmente ou

coletivamente, surgissem; e 3) Assistência técnica prestada na proporção que os recursos materiais possibilitavam (CAMBOTA, 2016).

Assim sendo, desde o ano de sua criação até 1978, a ASSESOAR foi dirigida por padres e outros profissionais liberais ligados a Juventude Agrária Católica (JAC), reflexo das pressões políticas que se tinha em razão da ditadura militar. Nesse período, a Assesoar serviu de apoio aos trabalhos que a igreja realizava na região: “aos movimentos da igreja (Catequese, Renovação Litúrgica, JAC, CEBs, Ministros da igreja) e às organizações dos agricultores familiares, originados dos movimentos católicos (Cooperativas, Sindicatos, EFAs/CFRs, Formação de monitores e Grupos/Associações)” (ASSESOAR, 2018).

Entre as atividades realizadas, uma das primeiras foram os grupos de reflexão, criados ainda em 1968, ano este marcado por revoltas e manifestações em todo o país questionando a política e a economia do período. Por ser uma entidade que buscava a luta e organização do povo em prol de seus direitos, a ASSESOAR se inseria nessas demandas proporcionando a seus membros e apoiadores as primeiras formações, que tinha como objetivo de potencializar as ações educativas da instituição em virtude da formação profissional. Já nesse período os agricultores e colaboradores eram estimulados a questionar as relações sociais que estavam inseridas, sendo um grupo que por essa atitude se diferenciava dos grupos tradicionais da Igreja:

Essa forma de agir da pastoral e da Assesoar afirmava o comprometimento na defesa dos oprimidos e era também uma prática que estimulava os agricultores a participar e questionar a conjuntura social, econômica e política a partir de onde viviam (CAMBOTA, 2016, p. 11).

Ainda na época de sua criação, por volta de 1970, após as pressões de o governo militar, ficou definido que a direção da instituição seria presidida por agricultores. Porém, essa decisão não impediu que houvesse a contribuição de pessoas que exerciam outras profissões, desde que estivessem comprometidos com os mesmos princípios. Fato esse que se perpetua até os dias atuais. (CAMBOTA, 2016, p. 12). Porém, somente em 1978, os agricultores assumiram a direção da ASSESOAR. Esse fato, além de proporcionar mais autonomia, também ajudou no crescimento e maior representatividade da entidade por parte dos próprios agricultores.

Cabe ainda ressaltar que a agricultura na época da criação da ASSESOAR era marcada pelo avanço do capitalismo no campo, o uso extensivo das terras, a intensificação de venenos, maquinário, a prática da monocultura dentre outros. Diante desse fato a entidade buscou

desempenhar trabalhos a fim de ajudar os agricultores que não tinham condições de desenvolverem sua produção ao passo que se evoluía a agricultura, mas principalmente conscientizá-los de que era possível uma forma alternativa de agricultura que não fosse tão prejudicial ao meio ambiente e ao mesmo tempo estivesse ao alcance dos mesmos.

Dessa forma a ASSESOAR passou a trabalhar um modelo de agricultura diferente daquela em que estava se intensificando no país. Assim sendo, em 1970 foram criados grupos de “Agricultura Alternativa” que visava garantir uma prática agrícola destinada a recuperar a fertilidade do solo e preservar o meio ambiente. Esse foi um dos primeiros passos em direção aos trabalhos em defesa e promoção da agroecologia e das sementes crioulas que hoje são umas das bandeiras de lutas defendidas por essa instituição.

Passadas algumas décadas, os indivíduos que compõem essa associação hoje são ligados à Agricultura Familiar Camponesa, ao Desenvolvimento Multidimensional com destaque para a agroecologia, ecologia, educação popular, pública e na educação do campo. Para auxiliar seus trabalhos essa instituição conta com o apoio de várias organizações locais, municipais, regionais nacionais e também internacionais, aspecto melhor detalhado na sequência (CAMBOTA, 2016).



Figura 1: Associados/as fundadores/as da ASSESOAR
Fonte: Assesoar 2018

2.2. As Principais atividades formativas desenvolvidas pela ASSESOAR

Feitos os esclarecimentos sobre os fatos que levaram à criação da ASSESOAR, e sua importância para os trabalhadores rurais, passamos a evidenciar as principais atividades que

contribuem para a melhoria da qualidade de vida daqueles trabalhadores e trabalhadoras que vivem nas regiões rurais.

Como já citado na sessão anterior, os trabalhos realizados por essa instituição, desde o início, foram voltados para a formação, qualificação e orientação dos seus componentes que na grande maioria eram agricultores. Dessa forma, a ASSESOAR buscou fomentar desde sua criação a formação política para os próprios dirigentes, a fim de buscar melhor condição de gestão da entidade, e proporcionar maior visão crítica da sociedade em que estavam inseridos.

Além desses trabalhos políticos, a instituição sempre propiciou a qualificação técnica de assuntos que beneficiassem essa classe trabalhadora rural, a exemplo de cursos de Agroecologia, “Uma qualificação profissional aliada a uma concepção de desenvolvimento entendido como processo social que atenda as necessidades da vida” (CAMBOTA, 2016, p.32). A verdadeira intenção em ofertar estes cursos era de tornar seus membros protagonistas da história em uma sociedade marcada pelas injustiças da classe dominante. Nesse sentido, além do curso citado e das formações políticas, a entidade buscou desenvolver grupos de Agricultura Alternativa. Além dessa qualificação técnica em cursos, a ASSESOAR também organiza diversos seminários, encontros, oficinas para seus associados.

Nos dias atuais desenvolve trabalhos formativos em diversos municípios da região com objetivo de fortalecer iniciativas de agroecologia e articular entidades da Agricultura Familiar em torno dessas iniciativas. Dentre essas podem ser destacadas:

Encontros/oficinas de formação em agroecologia; organização das feiras ecológicas; recuperação, distribuição e multiplicação de sementes crioulas; monitoramento da contaminação dos milhos crioulos pelo milho transgênico; proteção de fontes; oficinas de implantação e monitoramento de agroflorestas; implantação de hortas mandala em escolas e UPVFs; práticas de recuperação e proteção de solos; oficinas de preparação de insumos para a produção ecológica (caldas, biofertilizantes e fitoterápicos para controle de insetos e doenças) e preparados naturais para a criação animal participação na organização e realização da Jornada Paranaense de Agroecologia; participação em exposições, cursos, congressos e simpósios regionais (ASSESOAR, 2011, p.02 e 03)

Localizada na Avenida General Osório, 404, em Francisco Beltrão, a entidade possui uma estrutura para a realização das atividades mencionadas, com salas de reuniões, auditório, refeitório, local apropriado para hospedagem, com área externa que permite a realização de atividades fora das salas de aula. Oferece também alojamento, com quartos coletivos e espaço para a realização das cirandas para as crianças e refeições durante a realização dos eventos.

Outro trabalho de extrema importância para os seus associados foi a criação da revista Cambota, cujo nome foi estipulado a partir do significado da palavra:

É uma parte da roda da carroça; historicamente e ainda utilizada pelos agricultores familiares da região. Em 1973, João Nalo, agricultor em Santo Antônio do Sudoeste e associado da ASSESOAR, disse que “uma cambota isolada fica sem ação e quando juntas formam a roda que proporciona movimento”. Desde então a roda da carroça passou a ser símbolo da entidade, e Cambota, o nome desta revista (CAMBOTA 2018, p. 4).

Essa revista é um importante instrumento de comunicação e apresenta temas relevantes. Dentre os trabalhos apresentados na revista Cambota, destacamos as análises de conjuntura socioeconômica, cujo objetivo está em contribuir para o entendimento da realidade, aspecto primordial para interferirmos na sociedade em que estamos inseridos. O último número da revista Cambota, (número, ano) traz uma análise de conjuntura, com dados bastante relevantes sobre a agricultura no país:

Em 2010, por exemplo, o Brasil produziu 717.462 mil toneladas de cana de açúcar (o produto mais produzido no país), seguido pela soja com, aproximadamente, 69 mil toneladas e pelo milho com 55 mil toneladas, conforme dados da FAO [...]. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o açúcar foi um dos produtos mais exportados pelo país no ano de 2012, seguido pelo café, suco de laranja, soja, carne bovina, etanol, aves, milho e carne suína. O estado do Paraná foi responsável por grande parte dessa produção, principalmente o que concerne à produção de grãos (soja e milho), carne de aves e de leite. (CAMBOTA, 2018, p.06 e 07).

Além das atividades acima mencionadas, e de grande importância, é a sua participação efetiva na Articulação Paranaense por uma Educação do Campo - APEC, fórum criado há 20 anos a fim de garantir a existência de Escolas no Campo para as populações rurais. Nesse sentido, a ASSESOAR há muito integra as lutas contra o fechamento das Escolas do Campo no Paraná. Nessa perspectiva, a entidade também defende os cursos de Licenciatura em Educação do Campo para que os jovens, que trabalham no campo, possam frequentar o ensino superior sem precisar deixar seus afazeres nas propriedades rurais de suas famílias e também não percam o vínculo com a natureza e a terra.

Logo, a fim de ampliar suas frentes de atuação e contribuição com seus associados, a ASSESOAR articula-se com várias entidades municipais, regionais, nacionais e até mesmo internacionais:

Fazem parte desse leque de organizações: o Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe – CEAAL; Programa Merco Sulo Social e Solidário – PMSS; Movimento Agroecológico da América Latina e Caribe – MAELA Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais – ABONG; Articulação Nacional de Agroecologia – ANA; Fórum Social Mundial – FSM; Processo de Articulação e Diálogo – PAD; Articulação Regional, Paranaense e Nacional por uma Educação do Campo; Movimento dos Sem Terra – MST; Movimento do Atingidos por Barragens – MAB; Movimento das Mulheres Camponesas – MMC; Rede Ecovida de Agroecologia; União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária – UNICAFES; Sistema de Cooperativas de Crédito Solidário – CRESOL; Sistema de Cooperativas de Leite – SISCLAF; Sistema de Cooperativas de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar – SISCOOPAFI; Cooperativa de Prestação de Serviços – COOPERIGUAÇÚ; Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Paraná – FETRAF/Paraná; – CRAPA; Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia – CAPA Verê; Fóruns Regionais, Sub Regionais e Municipais, das Entidades da Agricultura Familiar; Fórum Intergovernamental de Entidades do Território do Sudoeste do Paraná (ASSESOAR, 2018).

Portanto, queremos ressaltar que o trabalho desta entidade vai muito além da defesa e divulgação de uma agricultura de subsistência, pois cria as condições para que seus associados percebam a necessidade de se opor ao modelo capitalista, que visa à exploração e a produção a qualquer custo.

Para finalizar esta sessão sobre as atividades da ASSESOAR, ressaltamos que existem muitas outras além das citadas, mas que, em razão das limitações de um TCC, não estão elencadas no presente trabalho. Todavia, em virtude do tema de nosso estudo, na próxima seção passamos a abordar sobre o trabalho da referida entidade com as sementes crioulas e a organização anual da festa das sementes. Com isso, acreditamos que tenhamos feito o caminho para chegarmos ao Capítulo 3, no qual dissertaremos sobre o apoio e socialização ao guardião de sementes pela ASSESOAR, tema de nosso trabalho de conclusão de curso.

2.3. O trabalho da ASSESOAR para a preservação das sementes crioulas: uma contribuição para a melhoria das condições de vida da humanidade

Sendo fruto das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, a Assesoar tem como pressuposto que as sementes crioulas são parte essencial para a manutenção da agricultura e da existência humana. Seus dirigentes, ao longo da existência da entidade, compreendem que a agricultura não surgiu como uma transformação radical nas atividades desenvolvidas pelo homem primitivo, nem uma transformação rápida em que de um momento para outro o homem de caçador passa a ser um agricultor, pois “Ela surgiu quando uma série de condições

históricas anteriores foram reunidas e permitiram a passagem de caça e coleta para uma economia predominantemente agrícola.” (OLIVEIRA JR, 1989).

Para fazer valer seus pressupostos acerca da importância das sementes crioulas, para além das atividades já mencionadas na sessão anterior, outro trabalho de grande relevância desenvolvido pela ASSESOAR, que colaborou para uma nova prática de agricultura, foi a criação de um Banco de Sementes Nativas em 1985, com objetivo de valorizar e preservar as variedades de plantas que estavam sendo perdidas.

Na ocasião, a comercialização das sementes atingiu seu apogeu, com base na seleção de variedades com bom rendimento além de uma ampla utilização de fertilizantes químicos e produtos de tratamento (MAZOYER; ROUDART, 2010). A agricultura, sob tal contexto, foi marcada pelo aprimoramento das técnicas de cultivo e com a implantação de diversas tecnologias e políticas de incentivo que facilitaram e desenvolveram a agricultura com produtos e maquinários. Dessa forma, o comércio de sementes se intensificou, e como, consequência, observou-se uma grande perda da diversidade de sementes que passaram a ser comercializadas nesses locais. (CAA-NM, 2008). A fim de aumentar as vendas, gerando assim maior lucratividade, esses comércios passaram a estudar várias formas de melhorar as sementes de forma a modificá-las para que se tornassem mais resistentes a pragas, patógenos e até mesmo para que pudessem se adaptar a climas que não eram favoráveis ao seu desenvolvimento (CAA-NM, 2008).

Logo, a criação do Banco de Sementes pela Assesoar foi uma reação contrária ao avanço das atividades agrícolas de exploração que estava sendo implantada pela Revolução Verde e pelo apoio da Política Agrícola do governo que só financiava sementes geneticamente modificadas.

O constante apelo de agricultores pedindo variedades antigas como, no trigo: o ‘fontana’ e o ‘peladinho’; no milho: o ‘cateto’ e o ‘asteca’, porque sentiram a fragilidade das sementes melhoradas, que para produzirem, necessitam de insumos como adubos e agrotóxicos, mostrou-nos a necessidade de organizarmos um Banco de Sementes a partir de 1985.(CAMBOTA, 2009, p.16).

Embora não tenha durado muito tempo, e tenha sido desativado por dificuldades administrativas e por argumentarem que o mesmo deveria continuar vivo nas propriedades e na vida dos agricultores e não apenas em um lugar específico para isso, o Banco de Sementes contribuiu com a preservação de determinadas espécies de plantas, bem como fortaleceu a luta a fim de assegurar a independência dos pequenos agricultores perante os monopólios.

Assim que o Banco de Sementes deixou de existir, enquanto estrutura física, o tema das sementes quase foi esquecido pela entidade, voltando apenas a ser trabalhado novamente no final dos anos 1990, quando os transgênicos ganham espaço na sociedade (CAMBOTA, 2009).

O contexto do nascimento das Festas das Sementes Crioulas no Brasil dá-se logo após a aprovação da soja transgênica, em 1998. É momento de grandes fusões na indústria de sementes e insumos químicos e período em que a biotecnologia estava ganhando legitimidade e sendo aplicada em maior escala na agricultura. Por outro lado, também se formavam os movimentos de resistência aos transgênicos (GRIGOLIO *et al* 2015, p. 03).

O retorno do trabalho em torno das sementes resultou nas Festas das Sementes e dos Encontros Regionais de Agroecologia. Essa nova etapa do trabalho em torno das sementes e da agroecologia possibilitou a criação desse grande evento que acontece uma vez por ano na região Sudoeste do Paraná. A Festa das Sementes aqui na região teve inspiração na Festa do Milho Crioulo que teve sua primeira edição estadual em 200 e a nacional em 2002 no município de Anchieta- SC. Essa festa tem como objetivo “tornar-se uma ferramenta de resistência, de defesa, multiplicação e partilha de sementes, contribuindo para a soberania dos agricultores” (CAMBOTA, 2017).

Articulada pelo Fórum de Entidades da Agricultura Familiar, pelo Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia- CAPA, e aqui no Sudoeste do Paraná com um maior protagonismo da Assesoar, que organiza a festa contando com o apoio dos Sindicatos da região e com outros movimentos populares como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST, além de outras entidades de representação social (GRIGOLIO 2016).

Iniciada ainda em 2004 em Francisco Beltrão, a primeira edição da Festa teve como tema “Garantir a Reprodução da Vida”, desde então o evento seguiu ganhando força e se consolidando como uma estratégia de luta e resistência ao modelo tradicional de agricultura, contribuindo com biodiversidade, resgatando e disseminando variedades de mudas e sementes, além de possibilitar a formação para quem participa.

A dinâmica da festa que tem um caráter reflexivo, também permite aos participantes aproveitarem ao máximo o que o evento tem para oferecer:

A separação da festa em atos, faz com que se crie momentos específicos. Momento de acolhida, momento de registro, de falas, de diálogo, de troca, de dramatização, tornando-se uma cerimônia diretiva/formativa, onde todo o tempo é cuidadosamente preenchido. (GRIGOLIO *et al* 2015, p. 03 e 04).

Dessa forma, a festa tem início com a acolhida do público. A seguir, acontece a dramatização da mística onde são apresentados os símbolos da Festa, a saber, as sementes e as ferramentas de trabalho: enxada, foice. Com essa mística, busca-se realizar um momento de reflexão e de motivação em torno do tema da festa. Logo após, inicia-se a formação com as falas, no gênero de palestras e/ou oficinas, que são relacionadas ao tema da festa e assuntos que estão em destaque. Essas questões sempre são intercaladas com músicas e apresentações culturais, tornando o momento animado e menos cansativo. Após o almoço, que é servido no local sem custo nenhum, é que acontece o ápice da festa: a partilha, ou seja, a troca das sementes.

A troca das sementes é o momento mais esperado da festa. As sementes são levadas para o evento pelos próprios participantes e organizadores que as identificam colocando o nome científico e/ou popular em rótulo simples, além da localidade em que foi colhida e o nome do produtor que a cultivou. Em seguida, elas são organizadas em um lugar apropriado de forma que no momento da troca as pessoas possam circular pelo local e fazerem a troca facilmente.

Inúmeras variedades de plantas e sementes circulam entre os participantes que pegam a quantidade que acham necessárias, tanto para repor a mesma variedade que perdeu ou que deseja ter, dentre outras finalidades a fim de levarem e reproduzirem em suas propriedades. A figura 2 nos ajuda a visualizar esse momento da festa.



Figura 2: Exposição e partilha das Sementes na XIV Festa das Sementes
Fonte: Arquivo da autora na Festa das Sementes de 2017.

A troca não dura muito tempo, em questão de minutos o local onde as sementes haviam sido organizadas se esvazia ao passo que as mãos e sacolas dos participantes enchem.

A satisfação e a alegria de conseguirem diferentes espécies de mudas e sementes são resumidas no olhar e no sorriso de quem participa.

A festa das sementes já está em sua XV edição, sempre abordando temas polêmicos que ajudam a refletir sobre a realidade em que a sociedade está inserida. A importância que essa festa possui vai muito além de proporcionar reflexão a cerca dos temas abordados, ela ajuda a desnaturalizar o uso e a superioridade das sementes convencionais oferecidas pelo mercado. Para a Assesoar:

A festa tende a se firmar como uma ação que mobiliza um grande número de pessoas e organizações de forma espontânea além de mobilizar, de forma mais sistemática e processual, as famílias e organizações que durante o ano todo estão envolvidas de forma mais direta com o projeto. A produção de sementes terá a preocupação cuidar melhor da biodiversidade e das características de cada variedade, ficando disponível de forma solidária que quem quiser se somar neste programa. Quem recebe fica com o compromisso de reproduzir e devolver a quantidade que levou (ASSESOAR, 2010, p. 35).

Assim sendo, este evento em prol da preservação da biodiversidade contribui com aquelas pessoas que desenvolvem o trabalho de proteger, reproduzir e guardar variedades crioulas, os chamados “Guardiões de Sementes”. A festa em questão salienta a importância dessas pessoas que não medem esforços a fim de preservar variedades que dificilmente são encontradas, ou muitas vezes já esquecidas pelos demais agricultores que optaram pela agricultura convencional como fonte de renda das famílias.

Dessa forma:

Os agricultores familiares e suas entidades representativas são responsáveis pela manutenção de um patrimônio importantíssimo para a humanidade, por meio da conservação das sementes de cultivares crioulas, apesar do grande avanço da agricultura moderna. (BEVILAQUA et al 2009, p.102).

A importância de se produzir esse tipo de semente também é destacado pelo mesmo autor em outro trabalho:

A ampliação do uso das sementes crioulas visa à conservação da biodiversidade local aumentando o número de culturas de importância agrícola, diversificando os sistemas de produção e garantindo maior estabilidade, pilares de uma agricultura mais sustentável. (BEVILAQUA et al, 2016, p. 02).

É relevante destacar também que essas pequenas estruturas carregam com si o valor cultural de uma comunidade, uma vez que um dos meios de expressar tal identidade é a forma com que se alimentam. (TRINDADE, 2018).

Contudo, não é fácil elucidar aos agricultores, principalmente os pequenos, que tais sementes carregam consigo tal importância. A dificuldade em manter a produção longe dos defensivos agrícolas e ao mesmo tempo produzir o suficiente para gerar lucratividade faz com que muitos produtores desistam da ideia e optem pela agricultura convencional.

Por tais motivos é de grande valia ressaltar a importância que esses agricultores possuem. Com um cenário cada vez mais modificado pelo avanço do agronegócio em nosso campo, esses guerreiros lutam contra esse sistema que oprime, em busca de sua própria identidade.

CAPÍTULO 3

3. O TRABALHO DO GUARDIÃO DE SEMENTES

As sementes são o princípio de quase tudo na agricultura, além de serem responsáveis pela existência da grande maioria das plantas em nosso planeta. Marcadas por um processo evolutivo de transformação e adaptação, essas pequenas estruturas facilitaram a vida de milhares e milhares de pessoas há muito anos.

Todavia, sabemos que a evolução da agricultura moderna, e sua respectiva preocupação com o aumento da produtividade de modo geral, traz consigo vários problemas ambientais, a exemplo, da grande simplificação dos sistemas produtivos na agricultura. Como resultado, ao mesmo tempo em que a monocultura ganha espaço, observa-se a predominância de apenas algumas poucas espécies de plantas destinadas à comercialização, acarretando a perda da diversidade genética, razão pela qual as plantas vão se tornando cada vez mais susceptíveis às pragas e às doenças o que, conseqüentemente, propicia a utilização de defensivos agrícolas (SOARES, 2010).

Além disso, esse processo produtivo resulta na perda da biodiversidade, degradação e poluição do solo e da água, alterando muitas vezes de forma irreversível o cenário do planeta e levando assim a processos degenerativos profundos da natureza.

Outro aspecto relevante nessa forma de processo produtivo diz respeito à perda do conhecimento tradicional e do conhecimento prático para selecionar plantas e sementes de diferentes culturas.

Portanto, com a intensificação das técnicas e insumos do agronegócio na sociedade capitalista, foram extrapolados os limites de uso de artefatos danosos, cujas grandes quantidades causam resultado contrário ao que se pretendia. Com isso temos a contaminação dos solos, da água e até mesmo das pessoas em contato direto ou indireto com o produto, com inúmeras conseqüências prejudiciais a toda forma de seres vivos do planeta.

Os malefícios causados por esses produtos, tanto na vida do produtor rural quanto de quem vai consumir esses produtos, não são divulgados e muitas vezes são tratados sem a devida preocupação, uma vez que afetam drasticamente a saúde, a vida das pessoas e a preservação ambiental. As conseqüências causadas pela utilização dos agrotóxicos são devastadoras levando até mesmo a morte. (SOARES, 2010).

Contraditório a todo esse modelo de agricultura baseada no modo capitalista de produção, (SARAVALLE, 2010), a agricultura orgânica é caracterizada pela produção de alimentos de qualidade, diversificado e com uma baixa utilização de fertilizantes e agrotóxicos, propiciando um ambiente diversificado de fauna e flora e contribuído para a manutenção da biodiversidade do planeta preservando espécies de plantas e sementes tradicionais que guardam em si as riquezas naturais de determinadas regiões.

Porém, não é fácil contrapor-se ao agronegócio que está presente cada vez mais na vida dos agricultores, tanto do grande como do pequeno produtor rural. De acordo com Soares, (2010), no discurso predominante, propaga-se que as técnicas utilizadas pelo agronegócio são mais eficientes por serem mais rápidas e práticas e por apresentarem “eficácia” comprovada contra pragas e ervas daninha. Por tais razões, os agrotóxicos foram incorporados e são usados em praticamente todas as formas de produção agrícola, não somente para combater pragas em lavouras, mas também como fortificante e suplemento para as plantas.

Com a mesma finalidade de disseminação das técnicas do agronegócio na sociedade capitalista, os efeitos considerados como benefícios trazidos por esses produtos são apresentados de acordo com os interesses meramente comerciais. Assim, por meio das mídias, que propagam o discurso e sua ideologia dominante, (PORTO, 2014), técnicos de órgãos do governo e privados que prestam assistência técnica vendem a ideia do agronegócio como a melhor e única tecnologia capaz de facilitar a vida do agricultor e aumentar sua produtividade. Nesse discurso vendem também a ideia de que insistir em outra forma de produção é retornar à forma primitiva para solucionar problemas nas lavouras.

Portanto, lutar contra essa lógica capitalista dominante de produtividade, com uso intensivo de agrotóxicos, é ir contra a forma capitalista de produção que generaliza o uso desses produtos nas lavouras sem a devida preocupação com a existência humana e a preservação do planeta. A urgência do agronegócio em produzir em grandes quantidades, a qualquer custo, diminui cada vez mais o cuidado com os recursos naturais (CASSAL *et al*, 2014), e até mesmo de espécies nativas e crioulas, fazendo com que toda a diversidade de plantas e até mesmo de animais seja perdida ao longo do tempo. Por tais motivos, isto é, a grande influência do agronegócio associada a uma sociedade alienada pela ideologia imposta pelo sistema capitalista, essas ações de preservação cultural e ambiental são cada vez mais desprezadas, (DUARTE, 2014).

Entretanto, ainda há agricultores e técnicos que se preocupam com a diversidade biológica do planeta e realizam com grande esforço um trabalho sociocultural que contribui com o resgate, manutenção e dispersão de uma variedade crioula de plantas e animais. Esses agricultores que preservam essas variedades são conhecidos como guardiões de sementes. Tais agricultores, que se preocupam em cultivar as sementes, não somente as plantam, colhem e as distribuem, mas fazem mais do que isso, pois socializam seus conhecimentos e valores que há muito estão esquecidos e deixados de lado em uma sociedade preocupada com a produção em grandes quantidades visando apenas o lucro, (DUARTE, 2014).

A exemplo desses agricultores, em Dois Vizinhos, o senhor Isac Miola representa esses Guardiões, que valorizam este tipo de sementes naturais e se dedica exclusivamente ao cultivo das mesmas.

Assim sendo em meados de agosto de 2017, tive a oportunidade de participar de um evento de formação promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dois Vizinhos, o qual contou com a participação do senhor Isac, que relatou sobre seu trabalho em colecionar sementes crioulas.

Nascido em 1953, em Lagoa Vermelha-Rio Grande do Sul, veio para Dois Vizinhos ainda no ano de 1965. No ano de 1983, com 30 anos, fixou residência na comunidade de Linha Ibiacá, interior do município de Dois Vizinhos, onde mora com sua esposa até hoje.

Suas atividades na agricultura sempre foram desenvolvidas com o cuidado em não utilizar defensivos agrícolas e nem sementes transgênicas. O agricultor contou que em todos esses anos sempre trabalhou com a produção orgânica utilizando sementes crioulas, com exceção dos primeiros anos em que lidou com sementes de milho híbrido.

Segundo ele os primeiros sinais de sua vocação surgiram ainda criança quando colecionava objetos como bonés e canetas, ao passo que foi crescendo e passando a se interessar pela agricultura iniciou seu mais belo e valioso acervo: o de sementes crioulas. A paixão por essa coleção em especial ganhou força e passou a ser sua profissão, produzir, guardar e proteger uma grande variedade dessas sementes, ser um Guardião.

Todo esse trabalho teve início no ano de 2004, quando participou da primeira Festa das Sementes realizada pela Assesoar. No seu relato, o Guardião contou que na primeira festa que participou não tinha muitas variedades de sementes, *“naquele dia agente foi lá e levou o pouco que tinha né, pegou e trouxe um monte, daí comecei a me interessar”*. E assim, ele iniciou os trabalhos em sua propriedade ampliando o número de espécies de sementes.

Embora sua propriedade seja de apenas 5,2 hectares e possuir um relevo pouco favorável para a agricultura e contar apenas com ajuda de sua esposa para o trabalho, seu Isac consegue manter 320 variedades de sementes que se dividem em grãos, tubérculos, leguminosas e cereais. Dentre os mais populares do acervo podemos destacar o feijão com 130 variedades, o milho pipoca com 30 tipos, o arroz com 23 e o amendoim com 13 variedades. Além de 80 variedades de mudas.

O trabalho para manter todo esse catálogo é árduo, exigindo constante dedicação e muito esforço. A propriedade é dividida em vários espaços planejada para o cultivo das sementes permitindo assim o cultivo de diferentes espécies de plantas na mesma época do ano. Mantendo sempre o cuidado para que a polinização de uma variedade não interfira no material genético da outra, como no caso do milho, em que o pólen se dispersa com mais facilidade. A figura 3 nos ajuda a compreender como a propriedade é dividida.

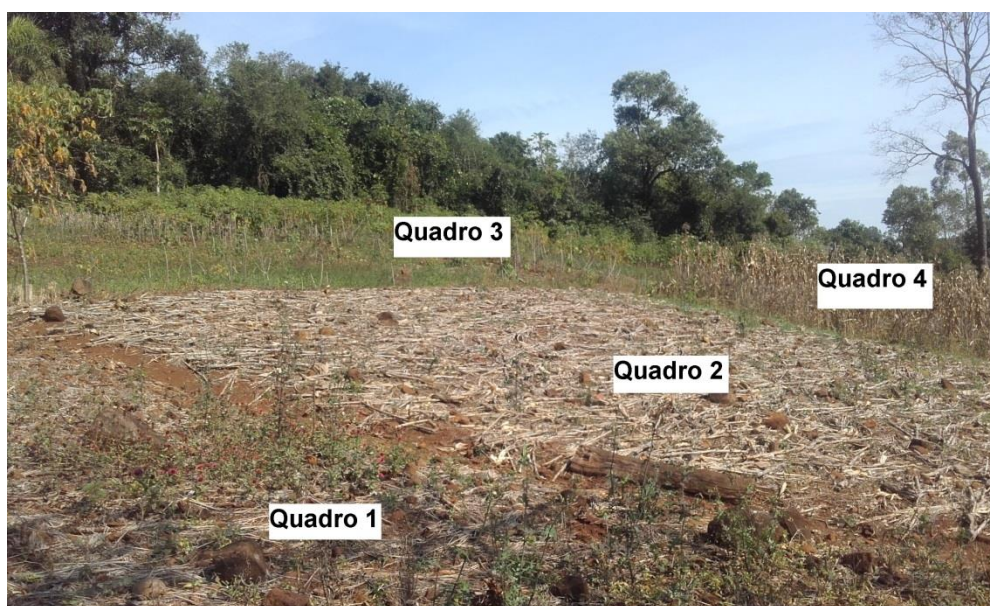


Figura 3: Plantação dividida por cultura
Fonte: Elaborado pela própria autora

As sementes são plantadas, colhidas e secadas manualmente, em seguida são guardadas em garrafas pet recicladas pelo agricultor. Essas embalagens são organizadas em uma sala dentro de um pequeno depósito. O guardião contou que foi a melhor forma que encontrou de armazená-las por mais tempo sem que elas estragassem. O cuidado com essas sementes não para depois que estas já estarem guardadas, é preciso observá-las por no mínimo uma semana após terem sido engarrafadas para que não se corra o risco de “carunchar”, “se

aparecer (caruncho) em uma semana aparece, dai cuidou uma semana depois não tem mais perigo”, relatou o Guardiã. Algumas variedades exigem um pouco mais de cuidado na hora de guarda-las, por serem menores ou por serem mais difícil de colher uma grande quantidade, por esse motivo o produtor as guarda em sua casa dentro de embalagens plásticas ou de papel rotuladas com o nome de cada semente.



Figura 4: Como as sementes são guardadas
Fonte: Elaborado pela própria autora

Além do cuidado em armazená-las em um local seco e arejado é preciso renová-las todo o ano. Esse processo é onde muitas vezes o produtor perde uma grande quantidade de sementes. Pois segundo Isac, uma das principais dificuldades em manter a produção e a qualidade das sementes é depender do clima aqui da região. Dessa forma o agricultor sempre guarda um pouco de sementes que vai plantar caso a produção não seja como o esperado.

Além do clima muitas vezes não contribuir com o trabalho e dificultar ainda mais a manutenção das sementes, outro empecilho são as ameaças vindas da agricultura convencional. Segundo o guardião, para proteger suas sementes da contaminação por agrotóxicos e até mesmo da polinização de outras plantas geneticamente modificadas, cultivadas nos arredores de sua propriedade por seus vizinhos, foi necessário montar uma barreira com pés de bananeiras e outras espécies de plantas, para que sua plantação não sofresse alteração de um desses fatores.

Quanto questionado sobre qual sua posição em relação a forma que a agricultura esta sendo conduzida nos dias de hoje, priorizando o cultivo de poucas e até mesmo de uma única espécie de planta, (monocultura), e em grande escala, o agricultor deixa claro que não concorda e que é contra toda esse modelo capitalista de produção. Ele afirma que além do agricultor ser manipulado pelas grandes empresas que fornecem a semente e os insumos para o plantio vendendo a ideia de que de que insistir em outra forma de produção é retornar à forma primitiva para solucionar problemas nas lavouras. *“Eu não concordo nada com isso. Tá tudo errado. [...] Os grande pode ser que sobrevivam, mas os pequenos não sobrevivem.”*

Mesmo encontrando varias dificuldades em manter todo esse banco de sementes, o Guardião não pensa em desistir. Segundo ele os motivos são óbvios: primeiro por que realiza um trabalho que gosta e se sente realizado em fazer, segundo por que através das sementes tem a oportunidade de sair conhecer outros lugares, outros guardiões além de adquirir novos conhecimentos através da participação em eventos, levando suas sementes até outras pessoas e trazendo mais, diversificando e enriquecendo sua coleção.

Ao longo dos anos o Guardião participou de vários eventos relacionados ao seu trabalho. Participou de todas as edições da Festa das Sementes realizadas pela Assesoar, esteve em várias Jornadas de Agroecologia, marcou presença também na Festa do Milho Crioulo em Anchieta- Santa Catarina, (evento esse que serviu de inspiração para a Festa das Sementes aqui da Região), além de várias outras festas/eventos nacionais e estaduais realizados por diversas entidades como o da Rede ECO Vida, Pastoral da Terra, dentre outros. *“Teve ano ai que tive até dez eventos no ano, agora tá mantendo uma média de uns seis, sete”*, contou o agricultor.

Ao ser questionado quanto a importância e quais as contribuição que a Assesoar proporcionou e ainda proporciona, ele afirmou que esta foi fundamental para que todo esse trabalho se iniciasse, pois foi através dela que o guardião passou a participar das Festas das Sementes e conseqüentemente passou a diversificar sua coleção, além de custear as viagens para eventos e ajudar na divulgação de seu trabalho, a entidade desenvolve atividades que promovem a defesa, conscientização e valorização das sementes crioulas.

Sobre a Festa das Sementes, Isac afirmou que este evento foi de fundamental importância para que sua coleção chegasse a diversidade de sementes que possui hoje, pois foi através dela que todo esse trabalho em ser um Guardião teve início. Entre tanto nos dias atuais ele passa a contribuir mais com a festa (no sentido de levar sementes para serem trocadas), do que possa ser beneficiado com variedades que ainda não possui, *“Hoje eu na verdade mais*

colaboro que me benefício, então hoje eu to levando a semente e antes eu trazia. Tipo assim, até um tempo eu só pegava e agora eu to levando de volta”, relatou o Guardiã.

A produção das sementes também é utilizada na alimentação do casal, cerca de 90% do que consomem é produzido na propriedade, o excedente é vendido e contribui com a renda dos dois que são aposentados.

Apesar de não ser um trabalho tão valorizado pela sociedade hoje, seu Isac é mais um dos agricultores que lutam contra um sistema opressor que cada vez mais diminui a possibilidade de um cultivo de alimentos com sementes não comercializáveis pelo agronegócio, inacessível para os pequenos produtores.

O trabalho realizado pelo guardião de sementes também se contrapõe à perda do conhecimento tradicional e do conhecimento prático para selecionar plantas e sementes de diferentes culturas, conhecimento que se perdeu ao longo do processo produtivo de base capitalista.

Portanto, a preservação de sementes crioulas é uma forma de resistir à intensificação das técnicas e insumos do agronegócio na sociedade capitalista, que extrapolam os limites de uso de artefatos danosos, cujas grandes quantidades causam resultado contrário ao que se pretendia. Com isso temos a contaminação dos solos, da água e até mesmo das pessoas em contato direto ou indireto com o produto, com inúmeras consequências prejudiciais a toda forma de seres vivos do planeta.

Os malefícios causados pelos produtos e insumos do agronegócio, tanto na vida do produtor rural quanto de quem vai consumir esses produtos, não são divulgados e muitas vezes são tratados sem a devida preocupação, uma vez que afetam drasticamente a saúde, a vida das pessoas e a preservação ambiental. As consequências causadas pela utilização dos agrotóxicos são devastadoras levando até mesmo a morte. (SOARES, 2010).

Contraditório a todo esse modelo de agricultura baseada no modo capitalista de produção, (SARAVALLE, 2010), a agricultura orgânica é caracterizada pela produção de alimentos de qualidade, diversificado e com uma baixa utilização de fertilizantes e agrotóxicos, propiciando um ambiente diversificado de fauna e flora e contribuindo para a manutenção da biodiversidade do planeta preservando espécies de plantas e sementes tradicionais que guardam em si as riquezas naturais de determinadas regiões.

Porém, não é fácil contrapor-se ao agronegócio que está presente cada vez mais na vida dos agricultores, tanto do grande como do pequeno produtor rural. De acordo com Soares, (2010), no discurso predominante, propaga-se que as técnicas utilizadas pelo

agronegócio são mais eficientes por serem mais rápidas e práticas e por apresentarem “eficácia” comprovada contra pragas e ervas daninha. Por tais razões, os agrotóxicos foram incorporados e são usados em praticamente todas as formas de produção agrícola, não somente para combater pragas em lavouras, mas também como fortificante e suplemento para as plantas.

Com a mesma finalidade de disseminação das técnicas do agronegócio na sociedade capitalista, os efeitos considerados como benefícios trazidos por esses produtos são apresentados de acordo com os interesses meramente comerciais. Assim, por meio das mídias, que propagam o discurso e sua ideologia dominante, (PORTO, 2014), técnicos de órgãos do governo e privados que prestam assistência técnica vendem a ideia do agronegócio como a melhor e única tecnologia capaz de facilitar a vida do agricultor e aumentar sua produtividade. Nesse discurso vendem também a ideia de que insistir em outra forma de produção é retornar à forma primitiva para solucionar problemas nas lavouras.

Portanto, lutar contra essa lógica capitalista dominante de produtividade, com uso intensivo de agrotóxicos, é ir contra a forma capitalista de produção que generaliza o uso desses produtos nas lavouras sem a devida preocupação com a existência humana e a preservação do planeta. A urgência do agronegócio em produzir em grandes quantidades, a qualquer custo, diminui cada vez mais o cuidado com os recursos naturais (CASSAL *et al*, 2014), e até mesmo de espécies nativas e crioulas, fazendo com que toda a diversidade de plantas e até mesmo de animais seja perdida ao longo do tempo. Por tais motivos, isto é, a grande influência do agronegócio associada a uma sociedade alienada pela ideologia imposta pelo sistema capitalista, essas ações de preservação cultural e ambiental são cada vez mais desprezadas, (DUARTE, 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, em uma sociedade regida pela lógica do capital, em que a maior preocupação é a obtenção de lucro a qualquer custo, seja ele através da exploração de pessoas ou até mesmo da própria natureza, as ações de formação e de organização dos menos favorecidos, permite a organização da luta em prol de seus direitos dentro da sociedade. Logo, o papel que as entidades de representação social exercem é de grande relevância para que essas ações de transformação social aconteçam, sejam elas no campo ou na cidade.

Assim sendo, as ações desenvolvidas por uma dessas entidades aqui na região, permite que diversas pessoas, em especial pequenos agricultores, tenham momentos de estudos e de reflexão que contribuem com a formação cultural, política e social. Nesse sentido, dentre as inúmeras e relevantes ações desenvolvidas pela ASESUAR, o apoio, divulgação e conscientização em torno do trabalho do Guardiã de sementes do município de Dois Vizinhos, significa uma dessas resistências às grandes multinacionais de sementes da atualidade.

Apoiando, divulgando e proporcionando a oportunidade do guardião participar de inúmeros eventos, a entidade foi de extrema importância para que o agricultor aumentasse seu acervo de sementes crioulas.

Dessa forma, essa entidade representativa de interesse dos pequenos proprietários rurais, ao contribuir com a socialização dos conhecimentos do guardião de sementes, também cumpre um papel educativo, pois possibilita aos pequenos agricultores tanto compreender a lógica da acumulação capitalista no atual contexto sócio histórico, como propicia informações que podem conduzir para outra forma de agricultura que se preocupa em não destruir o meio ambiente e não trazer malefícios aos seres vivos. Nesse sentido, há consenso que a educação é uma prática social ampla, que transcende os muros da escola, pois: "A educação abrange todos os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". (LDB 9394/96, Artigo I)

A festa das sementes, umas das principais fermentas que ajudam a elucidar e divulgar essa ideia, e que é um dos trabalhos realizados por esta entidade, se caracteriza como uma estratégia de luta pela transformação social, trazendo consigo a imagem de um mundo livre e de uma agricultura onde a preocupação com biodiversidade e a produção andam lado a lado.

Nesse sentido as simbologias, e toda a formação que esse evento traz, são de grande importância para compreendermos o significado que as sementes carregam.

Apesar de todo esse apoio que o guardião recebe dessas entidades, seu grande esforço continua por vezes desconhecido e pouco valorizado. Assim sendo, concluímos que este trabalho de conclusão de curso poderá contribuir com a divulgação e com a valorização em torno da manutenção e conservação dessas sementes que o senhor Isac coleciona. Além de proporcionar que outras pessoas tenham conhecimento desse trabalho, acreditamos que este possa contribuir como fonte de pesquisa para outra forma de agricultura mais avançada cientificamente, com condições de proporcionar grandes quantidades de alimentos sem os atuais malefícios causados à humanidade e ao planeta.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. O. **Governo João Goulart e a efetivação do golpe de Estado no Brasil: 1961-1964**. 2011. 32 f., TCC (Graduação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

ALMEIDA, Paula; TARDIN, José Maria; e PETERSEN, Paulo. **Conservando a Biodiversidade em ecossistemas cultivados: Ação comunitária na manutenção de variedades locais no Agreste da Paraíba e no Centro-Sul do Paraná**. Disponível em: http://www.aspta.org.br/publique/media/cultivando_diversidade.pdf. Acessado em: 06 mai. 2018 .

ANDERY *et al.* **Para compreender a ciência**. 3.ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.

ANTUNES, R. **Crise e Poder**. São Paulo: Cortês: Autores Associados, 1986.

ARANHA, M.L.A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARAÚJO, M.P *et al.* **Ditadura Militar e Democracia no Brasil: História, Imagem e Testemunho**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

ASSESOAR, Associação de Estudos, Orientação e Assistência Técnica Rural. **Plano Quadrienal 2011 a 2014**. Francisco Beltrão, 2010.

ASSESOAR. Associação de Estudos, Orientação e Assistência Técnica Rural: **Quem somos**. Francisco Beltrão. Disponível em: < http://assesoar.org.br/?page_id=25>. Acesso em: 30 mai. 2018.

_____. **CAMBOTA**. Francisco Beltrão: Março, ano XLV, n. 274, Março 2018, p. 56.

_____. **CAMBOTA**. Francisco Beltrão: Março, edição especial, ano XLII, n. 271, Março 2016. p. 54

BEVILAQUA *et al.* **Agricultores Guardiões: Sementes para uma Agricultura Sustentável e Alimentação de Qualidade**. Universidade Católica de Pelotas/UCPel. Rio Grande do Sul, 2016.

BORGES. A. **Origem e papel dos sindicatos**. In: CURSO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM CONCEPÇÃO, PRÁTICA SINDICAL E EM METODOLOGIAS. Manaus. Caderno de textos, 2007. p. 08-25.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 29 jun. 2017.

LOPES, Nilton Fábio Alves et al. Produzindo Sementes Agroecológicas em Sistemas Diversificados de Produção. **Centro de Agricultura Alternativa Norte de Minas –CAA - NM** Cooperativa Grande Sertão. Jul, 2008

CASSAL, V, B et al. Agrotóxicos: uma revisão de suas consequências para a saúde pública. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Digital**. Bagé. V. 18 n. 1 p.437-44. Abr 2014.

CORDEIRO, Angela. **A Viagem das Sementes**. 5o Concurso Nacional de Estudantes do MST. 2003.

DUARTE, P, V. Ecologia como consenso liberal. **In: Livro Agroecologia Uma Abordagem Crítica**. Ijuí: ed. Unijuí, 2014. p. 105 - 147. 2010. 76 f. Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia. São Paulo, 2010.

EMBRAPA. **Da monocultura ao agribusiness: a história da Sociedade Nacional da Agricultura**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

ENFOC. **Escola Nacional de Formação da CONTAG**. O sindicalismo rural no Brasil. Disponível em : <http://enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/45/f1158sindicalismo-rural-no-brasil.pdf> Acesso em: 22.03.2018

FARIA, R.M.; MARQUES, A.M.; BERUTI, F.C., **HISTÓRIA** Belo Horizonte: Lê, 1989. Vol 2.

FEIDEIN, A. Agroecologia: Introdução e Conceitos. In: AQUINO A. M ; ASSIS, R.L. (Org.). **Agroecologia Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2005. p. 49-69.

FGV, CPDOC. <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/glossario/ultab>

GRÍGOL, S. C *et al.* **A festa das sementes crioulas como subversão do agronegócio**. Congresso Latino Americano de Agroecologia. La Plata: 2015.

GRÍGOLO, S. C. **A Renovação das Estratégias de Lutas na Agricultura: O Caso Das Festas Das Sementes Crioulas no Sul do Brasil**. 2016. 294 p. Dissertação (Pós-Graduação)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

GUARESCHI, P.A. **Sociologia Crítica**. Alternativas de mudança. 35.ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1995.

JESUS, E. L. Diferentes Abordagens de Agricultura Não-Convencional: História e Filosofia. In: AQUINO A. M ; ASSIS, R..L. (Org.). **Agroecologia Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2005. p. 21-45.

LARA, R; SILVA, M. A. A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 122, p. 275-293, jun. 2015
Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010166282015000200275&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 março de 2018.

LUCHMANN. L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, V. 29 n. 85, junho/2014.

MAZOYER, M; ROUDART. L. **História das Agriculturas no Mundo do Neolítico á Crise Contemporânea**. São Paulo: Unesp, 2010.

MEDEIROS, L.S. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

OLIVEIRA JR, P. H. B. **Notas sobre a história da agricultura**. Rio de Janeiro: PTA/REDE E.S, 1989.

PORTO R, S, J. **O discurso do agronegócio: modernidade, poder e “verdade”**. Revista NERA Presidente Prudente Ano 17, nº. 25 pp. 24-46 Jul-dez./2014, Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/2769/2731>. Acesso em 04 jul. 2017.

RODRIGUES, LM. **Trabalhadores, sindicatos e industrialização**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: 2009.

SARAVALLE, Y, C. **Banco De Sementes: Estratégia De Resistência Camponesa Na (Re) Produção E Manutenção Da Vida E Da Agrobiodiversidade**. 2010. 76 f. Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia. São Paulo, 2010.

SEBRAE. **Associação.** Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5a3f332ba54f0cef713f1575676d4133/\\$File/5192.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5a3f332ba54f0cef713f1575676d4133/$File/5192.pdf)> Acessado em 12/ de maio 2018.

SILVA, L. F. G. A Ditadura Civil-Militar e a Igreja Católica no Brasil: Uma Abordagem do Pensamento Social Católico. In: XVII Encontro de História da Anpuh- Rio, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ- Instituto Multidisciplinar, 2016. p. 01-09.

SOARES, W. L. **Uso de agrotóxicos e seus impactos á da saúde e ao ambiente: uma avaliação integrada entre a economia, a saúde pública e a agricultura.** 2010. 150 f. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010.

THOMAZ JR, A. O sindicalismo rural no Brasil, no rastro dos antecedentes. *In: Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.* Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] no. 15, 15 de enero de 1998.

TRINDADE, C. C. **Sementes Crioulas e Transgênicos, Uma Reflexão Sobre sua Relação Com as Comunidades Tradicionais.** Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

VAINER, C.B. **Estado e migrações no Brasil:** anotações para uma história das políticas migratórias. In: *Travessia.* Jan/Abr 2000, p. 15-32